



Análise das Práticas discursivas sobre mulheres atletas no site UOL¹

Júlia Andrès Rossi²

IFG

Lenise Borges Santana³

PUC-GO

Resumo: A mídia e sua cobertura esportiva produzem saberes e formas específicas de comunicar como os corpos são percebidos do ponto de vista dos gêneros e das sexualidades. Analisei as práticas discursivas que constroem os sentidos a respeito de mulheres atletas, com o objetivo de identificar os repertórios e sentidos que circularam na produção digital do site UOL, no contexto das Olimpíadas de 2016. Para as análises apropriei-me das teorias feministas e de gênero bem como da Psicologia Social de base socioconstrucionista.

Palavras-chave: psicologia social, construcionismo social, práticas discursivas, mídias, atletas.

Resumo expandido

A mídia e sua cobertura esportiva, mais do que veicular informações, produzem saberes e formas específicas de comunicar o que é um corpo e como ele é percebido do ponto de vista dos gêneros e das sexualidades. Apesar da predominância de discursos que insistem em operar sob um modo binário (masculino ou feminino, hétero ou homo), a mídia tem produzido também discursos que questionam esse binarismo, propiciando uma abertura para outras maneiras dos gêneros e sexualidades serem compreendidos e performados.

¹ Trabalho apresentado ao III SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

² Cursa Artes Visuais, bacharelado, na Universidade Federal de Goiás. É mestra em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Trabalha como Psicóloga escolar no Apoio Pedagógico ao Discente, no Câmpus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG. Tem interesse nas temáticas de arte, gênero, sexualidades e feminismos, com atuação pautada no construcionismo social. E-mail: juliaandres@gmail.com

³ Doutora em Psicologia Social (PUC-SP, 2008), docente na graduação e pós-graduação do curso de Psicologia na PUC-GO. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas Psicossociais (NEPSI), coordena o grupo de estudos e pesquisa 'Construção de Fatos Sociais?'. Co-fundadora e coordenadora do Grupo Transas do Corpo. Atua na pesquisa, ensino e extensão em Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, principalmente nos seguintes temas: práticas discursivas, mídia, gênero, sexualidades. E-mail: esinel@uol.com.br



O construcionismo social considera que qualquer conhecimento, seja ele acadêmico ou não, tem sua origem, necessariamente, nas práticas sociais. Então a linguagem passa a ocupar lugar central nesses estudos. As pessoas e o conhecimento produzido por elas só devem ser pensados em interação, e a interação mais importante é a linguagem (Spink, 2004). A linguagem deixa de ser mera representação e passa a ser ação. Assim, as noções sobre “ser mulher” ou “ser homem”, os sentidos atribuídos aos esportes e quem os praticam também se tornam situados, interessados, históricos e sociais. Passíveis de serem questionados, deslocados e desnaturalizados, bem como reconstruídos, possibilitando também novas práticas.

Essa postura construcionista de compreender o conhecimento compartilha aspectos com perspectivas feministas⁴. Haraway (1995), teórica feminista, afirma que os saberes e a produção de conhecimento são localizados e corporificados, e que a ciência é um texto contestável e um campo de poder. Ela critica a objetividade construída nas ciências tradicionais, questiona a objetividade neutra e o conhecimento universal, que separam sujeito-objeto e descorporifica os saberes. Essa suposta neutralidade se vincula a pessoas e grupos específicos que produziram teorias e conhecimentos, de acordo com o contexto no qual se inseriam. Haraway (1995) provoca uma ressignificação dessa ciência e dessa objetividade, convocando as pessoas a se posicionarem em prol de uma objetividade feminista, que está permeada de subjetividade, de um conhecimento específico feito por pessoas em determinados contextos, que possuem uma história pessoal e social e interesse na produção de conhecimentos.

Pensando nisso, apropriei-me das teorias feministas e de gênero, bem como da Psicologia Social de base socioconstrucionista, objetivando analisar as práticas discursivas que constroem os sentidos a respeito de mulheres atletas na produção digital do site UOL no contexto das Olimpíadas de 2016. E como objetivos específicos: a) Discutir a visibilidade conferida às atletas mulheres. b) Identificar e discutir por meio dos repertórios discursivos quais discursos mostram-se mais legítimos na mídia, e as possíveis consequências dessa hierarquização; c) Analisar se há na mídia abordagens que se aproximam das perspectivas feministas/de gênero sobre os sentidos atribuídos as mulheres atletas.

⁴ Não pode ser entendido como hegemônico e único, mas como um movimento diverso e plural, com diferentes pautas e agendas.



Registrei um total de 454 reportagens que tinham como assunto principal “atletas mulheres” ou “equipes femininas”. E a partir deste *corpus* discuti quantitativamente como se deu o processo de visibilidades e temas que abordam as mulheres atletas. Já para a análise qualitativa, foram escolhidas 5 reportagens com a temática desempenho/carreira; 5 com a temática comportamentos/relacionamentos/sexualidade; 4 notícias da sessão especial “Quero treinar em paz”; e 4 matérias produzidas em parceria com a revista feminista *Azmina*.

Identifiquei os repertórios e sentidos que circulam sobre as atletas na mídia digital escolhida e distingi 3 matrizes discursivas que dão sentidos a essa categoria, a saber: matriz produtiva, matriz prescritiva e matriz questionadora.

Foi possível perceber que na mídia ainda são predominantes as noções prescritivas referentes aos gêneros e às sexualidades. Entretanto, a existência de uma matriz questionadora aponta uma tendência a mudanças nessas práticas discursivas. Quanto aos binarismos e à vinculação de gênero às diferenças sexuais e biológicas, estes quase não são questionados. Assim, encontrei em maior medida a ampliação das noções de feminilidades. Esse vislumbre de mudanças aparece de forma mais acentuada em matérias especiais que abordam o tema da equidade de gênero. E, dessa forma, nota-se que as contribuições das epistemologias feministas para a mídia se mostram urgentes na busca de desconstruir ou pelo menos desfamiliarizar os sentidos, repertórios e noções que circulam e constroem as mulheres atletas.

Referências Bibliográficas

HARAWAY, Donna. (1995). **Saberes localizados:** a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, p. 7-41.

SPINK, Mary Jane (2004). **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** EDIPUCRS: Porto Alegre.